

“É chegada a hora de escrever e cantar, talvez, as derradeiras noites de luar”: leituras sobre a Corrida Espacial na canção brasileira

“It's time to write and sing, perhaps the ultimate moonlight nights”: readings on the Space Race in the brazilian song

Suelen Maria Marques Dias

Mestre em História e Culturas Políticas pela UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

susutileza@yahoo.com.br

Recebido: 01/11/2014

Aprovado: 28/12/2014

RESUMO: A Corrida Espacial foi um acontecimento marcante da história do século XX. Tal evento foi responsável por mais que o simples desenvolvimento científico e tecnológico e acabou por povoar a imaginação de toda uma geração. Para compreender melhor o período, buscaremos analisar de que forma alguns artistas e compositores brasileiros entenderam o processo e usaram o espaço de suas canções para descrevê-lo e cantá-lo. Além disso, a partir desse enfoque, procuraremos refletir sobre o potencial da produção artística, principalmente musical, como ferramenta para pesquisa histórica.

PALAVRAS CHAVE: Guerra Fria, Corrida Espacial, Música Brasileira.

ABSTRACT: The Space Race was a watershed event in the history of the twentieth century. Such an event was responsible for more than simply scientific and technological development and eventually populate the imagination of an entire generation. To better understand the period, we will seek to examine how some Brazilian artists and composers understood the process and used the space for their songs to describe it and sing it. Furthermore, from this approach, we aim to reflect on the potential of artistic production, especially music as a tool for historical research.

KEYWORDS: Cold war, Space Race, Brazilian music.

“Os artistas são antenas da raça”.¹ Com essa célebre frase o escritor Ezra Pound descreveu a capacidade dos artistas de captarem e expressarem os principais acontecimentos do seu tempo. Assim, uma das formas de se ter contato com o pensamento de uma sociedade é através do conhecimento da arte produzida por ela. Esse trabalho se debruça sobre uma importante manifestação artística, a música, para tentar compreender um pouco da visão de um grupo de artistas a respeito dos acontecimentos da chamada Corrida Espacial.

¹ POUND, Ezra. ABC da Literatura. São Paulo, Cultrix, 1990, p.13.

Para Marcos Napolitano, a canção “tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo, das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais positivas”.² Nesse sentido, percebemos que as canções concebidas em uma determinada época podem se tornar uma importante ferramenta para a compreensão de suas mudanças, sociabilidades, sensibilidades, e ainda, do seu imaginário.

A utilização de músicas como fonte pode fornecer um terreno promissor aos pesquisadores em História, uma vez que tal objeto é amplamente difundido em nossa sociedade, sendo acessível a diferentes públicos, nos mais diversos locais. Para Nicolau Scevcenco:

pelo seu longo alcance social e sua capacidade extraordinária de ultrapassar fronteiras, fosse culturais, religiosas ou sociais, a música popular, tal como canalizada pelos novos meios de comunicação, se tornou desde cedo uma espécie de língua franca e termômetro emocional das grandes cidades.³

Assim, por sua difusão e absorção, a canção acaba por se tornar muito mais do que simples entretenimento, ela se torna também uma linguagem através da qual as massas podem expressar seus sentimentos e debater algumas das questões do seu tempo. Além disso, a canção, justamente por sua grande difusão, é capaz de unir diferentes e distantes grupos através de sua capacidade de despertar emoções. Para João P. Furtado:

a música reproduzida e/ou radiofonizada, por exemplo, pode ser considerada um objeto interessante, entre outros fatores, por seu grande alcance junto a largas camadas da população e por sua inerente capacidade de despertar, o que não é prerrogativa exclusiva sua, emoções e sentimentos que agregam, afetiva e momentaneamente, indivíduos que não se conhecem por vínculo direto.⁴

Portanto, devido ao seu alcance, as canções são capazes de unir diferentes grupos e despertar-lhes semelhantes emoções. Amplamente difundidas nas sociedades e capazes de difundir o pensamento de uma época, as canções tornam-se, dessa forma, ferramenta fundamental para a pesquisa histórica. Este trabalho buscará perceber de que forma as músicas produzidas nos primeiros anos da Corrida Espacial contribuíram para difundir entre uma parcela da população um pouco das discussões e especulações a respeito deste importante acontecimento. Iniciaremos nossa reflexão desenvolvendo um breve relato sobre os principais eventos que marcaram os momentos iniciais da conquista do espaço.

² NAPOLITANO, Marcos. *História e música*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002, p.77.

³ SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.111.

⁴ FURTADO, João P. A música popular brasileira dos anos 60 aos 90: apontamentos para o estudo das relações entre linguagem e prática social. *Pós – História*, Assis/ SP, n.5, p. 123-143, 1997, p. 124-125.

No ano de 1957, o lançamento do primeiro artefato de construção humana na órbita da Terra abriu as portas para um maior conhecimento do universo. Esse novo passo dado pela humanidade representaria muito mais do que um avanço tecnológico e científico, e despertaria a imaginação de muitos sobre as possibilidades de conquista do homem no Espaço. Pela primeira vez a fronteira, por vezes tão longínqua, parecia mais próxima. Havia uma confiança no progresso, no engenho humano, uma certeza de que nada mais poderia parar o avanço da tecnologia e da humanidade.

Desde tempos remotos o universo fascina os seres humanos. Civilizações milenares já se baseavam nos movimentos dos corpos celestes para se orientar, criar calendários, crenças, mitos e deuses. Da mesma forma, o desejo humano de ultrapassar a fronteira terrestre e alcançar o universo distante remonta a tempos longínquos. Contudo, somente no século XX, aquilo que até então não passava de especulação, de sonho ou de ficção, começou a se tornar realidade. O homem finalmente caminhava para a realização do seu antigo sonho, a conquista do espaço.

Contudo, o desenvolvimento da tecnologia espacial não pode ser compreendido sem analisarmos o contexto no qual ele se insere, a Guerra Fria. O final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) marcou o surgimento de uma nova ordem. As potências europeias Inglaterra, França e Alemanha, encontravam-se totalmente arrasadas após o conflito e duas novas potências, Estados Unidos e União Soviética, apesar de também terem sofrido perdas materiais no confronto, despontaram fortalecidas. As novas potências passaram, então, a disputar a capacidade de influência no mundo. Essa não foi uma guerra no sentido tradicional, mas uma disputa que se desenvolveu em diversos campos: ideológico, tecnológico, cultural, e no campo militar. Assim, a Corrida Espacial pode ser considerada um desdobramento desse processo. Ao longo da Guerra Fria, o desenvolvimento das pesquisas espaciais se justificaria tanto pelos objetivos militares, quanto pelos fins propagandísticos de divulgar a superioridade tecnológica tanto dos Estados Unidos, como da União Soviética.

O estímulo à Corrida Espacial foi promovido a partir de 1952, quando o Conselho Internacional de Uniões Científicas estabeleceu o Ano Geofísico Internacional que deveria ocorrer entre 1 de julho de 1957 a 31 de dezembro de 1958, período em que o ciclo de atividades solar, segundo os cientistas, estaria em seu máximo. Alguns países e, principalmente, as duas potências, Estados Unidos e União Soviética, passaram então a incentivar a criação de projetos que deveriam ser lançados no decorrer do Ano Geofísico Internacional.

O primeiro artefato de fabricação humana foi lançado com sucesso na órbita terrestre pelos soviéticos em 04 de outubro de 1957. O Sputnik I⁵ era um satélite simples, uma esfera de 58 centímetros de alumínio, que carregava dois radiotransmissores que transmitiam um sinal, um beep-beep, que podia ser captado em vários pontos do planeta. Apesar da simplicidade do artefato, seu lançamento causaria um enorme impacto.

A filósofa Hannah Arendt, no prefácio do seu livro *A condição Humana*, procura descrever o que teria sido o sentimento que invadiu os corações daqueles que presenciaram a chegada do primeiro satélite de construção humana ao espaço:

O curioso porém, é que essa alegria não foi triunfal; o que encheu o coração dos homens que, agora, ao erguer os olhos para os céus, podiam contemplar uma de suas obras, não foi de orgulho nem assombro ante a enormidade da força e da proficiência humanas. A reação, imediata, expressa espontaneamente, foi alívio ante o primeiro “passo para libertar o homem da prisão na terra (...)”.⁶

Assim, segundo a autora, um sentimento que teria se apossado dos homens que vivenciaram aquele período seria menos de alegria, de orgulho, e mais de liberdade, seria uma sensação de alívio ao se perceber que o homem, graças a sua ciência, finalmente rompia a última barreira, escapava da Terra, sua última prisão.

Estava dado o pontapé inicial para a conquista do espaço, a partir daí, palavras como foguete, satélite, astronauta e cosmonauta, passariam a fazer, cada vez mais, parte do vocabulário daqueles que vivenciaram os passos do homem em direção ao espaço. Um dos eventos mais marcantes da Corrida Espacial ocorreria em 16 de julho de 1969, quando os astronautas Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin “Buzz” Aldrin partiram a bordo da Apollo 11, em uma viagem histórica, em direção à Lua. Armstrong e Aldrin se tornariam os primeiros seres humanos a entrarem em contato direto com outro corpo celeste. Através de uma câmera instalada na base do módulo lunar, um público de cerca de 600 milhões de pessoas ao redor do planeta, pode acompanhar a transmissão desse histórico acontecimento e ouvir as palavras de Armstrong que declarou: “Um pequeno passo para o homem. Um salto gigantesco para a humanidade”.⁷ Em todo mundo, milhões de pessoas assistiram, fascinadas, à concretização de um antigo sonho

⁵ Conforme o verbete “Sputnik” em: MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário Enciclopédico de Astronomia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. P.755, a denominação completa em russo é “Iskustvenyi Sputnik Zewli”, que significa “companheiro artificial da Terra”.

⁶ ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1983, p.9.

⁷ “One small step for man. One giant leap for mankind” de acordo com PUCCI, Luis Fábio S. *Espaço, o último desafio: uma introdução à astronomia e à exploração espacial*. São Paulo: Devon, 1997, p. 72.

humano, a Lua distante, que até então só iluminava a noite, os sonhos e as canções, passava agora a ser a Lua conquistada, onde tremulava a bandeira americana.

Muitos outros episódios marcaram Corrida Espacial que foi responsável pelo surgimento de novas demandas, de novas questões para a humanidade. Mas, esse evento levantaria muito mais do que questões práticas, sobre a utilização do Espaço, e seria responsável pela mudança na forma de relacionamento do homem com o cosmos. O universo, até então longínquo e inacessível, tornava-se cada vez mais próximo. Tantas mudanças causariam impacto profundo em todo mundo e trariam novas formas de pensar, de sentir e de se relacionar com o espaço. Todas essas novidades acabaram sendo registradas de diversas maneiras por aqueles que viveram esse efervescente período. Procuraremos então, perceber de que forma alguns artistas brasileiros retrataram os acontecimentos relacionados à Corrida Espacial em suas canções.

A grande variedade de músicas, de diferentes gêneros, compostas e interpretadas pelos mais diversos artistas nos mostra que a conquista do Espaço teve grande repercussão na época, atingindo um público amplo. É interessante perceber que, se por um lado a obra dos músicos deixa transparecer que eles não estavam alheios às questões do seu tempo, por outro, verificamos que esses artistas também contribuíam para disseminar alguns debates daquele momento, bem como para influenciar o pensamento de uma parcela da população.

Cabe salientar que um dos grandes desenvolvimentos proporcionados pela Guerra Fria foi o aprimoramento da tecnologia bélica. Em poucos anos, foram construídos armamentos e bombas com enorme poder destrutivo e a humanidade adquiriu poderes de destruição, que chegavam a colocar em dúvida a sobrevivência da raça humana. Diante dessa perspectiva catastrófica, surgia a reflexão sobre quais benefícios e quais malefícios a tecnologia poderia trazer.

O desenvolvimento do poderio bélico, aliado ao aperfeiçoamento da tecnologia espacial, trouxe ainda outra questão, que relacionava-se à expectativa sobre a possibilidade de fuga da Terra. Assim, considerando as conquistas do homem no Espaço e o risco causado pelos novos armamentos, muitos sonharam com a possibilidade de encontrar, fora do planeta, um lugar onde a humanidade pudesse recomeçar. É o caso, por exemplo, de Roberto Carlos, em sua canção *O Astronauta*, onde podemos ouvir seu desejo:

Não tenho mais nem uma razão
Pra continuar vivendo assim
Não posso mais olhar tanta tristeza
Por isso não vou mais ficar aqui

O mundo que eu queria não é esse
O meu mundo é só de sonhos
Bombas que caem, jato que passa
Gente que olha um céu de fumaça
Meu amor não sei por onde anda
Será que os amores já morreram
Um astronauta eu queria ser
Pra ficar sempre no espaço
Pra desligar os controles da minha nave espacial
E pra ficar para sempre no espaço sideral
E não voltar pra terra, não (...)⁸

Portanto, o poeta demonstra uma desilusão em relação à humanidade, num mundo de bombas, guerras e falta de amor, talvez não valesse mais a pena viver. Assim, a canção aponta seu desejo de fuga para o espaço, nela o eu-poético sonha em ser um astronauta para ficar para sempre no espaço, longe dos problemas e conflitos terrestres.

Já o cantor e compositor Ary Lobo, mostra uma outra triste realidade do planeta que também inspira desejo de fuga. Embora seja paraense, o artista despontou no sudeste como representante da música nordestina e usou suas canções para criticar a situação de pobreza e exploração que as camadas menos favorecidas vivenciam naquela região. Para ele, a fuga do planeta significaria a oportunidade de uma vida melhor, é o que observamos na canção *Eu vou pra Lua*⁹, composta em parceria com Luis Boquinha:

Eu Vou Prá Lua
Eu vou morar lá
Sair do meu Sputnik
Do Campo do Jiquiá...(2x)
Já estou enjoado aqui da terra
Onde o povo a pulso faz regime
A indústria, roubo, a fome, o crime
Onde os preços aumentam todo dia
O progresso daqui a carestia
Não adianta mais se fazer crítica
Ninguém acredita na política
Onde o povo só vive em agonia (...)

Ary Lobo utiliza suas canções para denunciar problemas bem terrenos, como roubo, fome, crime carestia e a desilusão com a política, aos quais a população brasileira estaria submetida. A migração de nordestinos para outras partes do Brasil, em busca de uma vida melhor, já era um fenômeno frequente em nosso país naquele momento, mas no caso da canção, o retirante seria mais ousado, pois buscaria fora da Terra a oportunidade de uma vida melhor. A referência ao satélite *Sputnik* na música demonstra como o vocabulário da Corrida Espacial invadia

⁸ CARLOS, Roberto. *O Astronauta*. LP Roberto Carlos, Rio de Janeiro, Sony BMG, 1970.

⁹ LOBO, Ary; BOQUINHA, Luis. *Eu vou pra Lua*. Compacto Eu vou pra Lua, Rio de Janeiro, RCA Victor, 1960.

o cotidiano brasileiro e como a conquista do espaço poderia apresentar novas possibilidades para a humanidade.

Além do desejo de fuga da Terra, outros sentimentos podem ser percebidos nas canções do período. Alguns artistas mostravam uma preocupação poética, com o futuro dos seus versos diante da invasão do Espaço pela tecnologia. O luar, fonte de inspiração para tantas poesias e letras de música, passava a ser ameaçado por satélites e foguetes que lhe roubavam o mistério e desvendavam os segredos. Assim, na canção *Lunik 9*, de Gilberto Gil, percebemos a recomendação: “poetas, seresteiros, namorados, correi! É chegada a hora de escrever e cantar, talvez, as derradeiras noites de luar”.¹⁰

Klécius Caldas, Armando Cavalcanti e Brasinha, em sua marchinha de carnaval *A Lua é dos namorados*¹¹, também deixam clara sua preocupação com o futuro do nosso satélite e exclamam repetidas vezes no refrão: “Todos eles estão errados, a Lua é dos namorados!” Assim, percebe-se que, para os autores, a Lua, território dos poetas e dos amantes, não deveria ser invadida pela frieza da ciência, assim os compositores completam:

Lua , oh lua
Querem te passar pra trás
Lua , oh lua
Querem te roubar a paz
Lua que no céu flutua
Lua que nos dá luar
Lua, oh lua
Não deixa ninguém te pisar

De acordo com essa canção, percebemos um apelo para que a Lua se proteja e se mantenha intocada e misteriosa, evitando as investidas da tecnologia espacial. O desejo não foi acatado, e ao longo de décadas nosso satélite vem sendo cada vez mais pesquisado pelos cientistas. Por outro lado, observamos que mesmo com todas as investidas da ciência, o luar jamais perderá sua poesia e beleza.

Se por um lado havia certo receio diante do crescimento tecnológico da época, de outro havia, para muitos, uma euforia diante das novas possibilidades abertas ao homem e uma confiança na capacidade da humanidade. Dessa forma, nem todos viam de modo negativo o desenvolvimento da tecnologia espacial. Muitos artistas usaram sua música para exaltar os feitos e os grandes nomes da Corrida Espacial. É o que observamos em *Take it ease my brother Charles*, de

¹⁰ GIL, Gilberto. *Lunik 9*. LP Louvação, Rio de Janeiro, Philips, 1967.

¹¹ CAVALCANTI, Armando; CALDAS, Klecius; BRASINHA. *A lua é dos namorados*. Compacto 78RPM Ângela Maria, Rio de Janeiro, Continental, 1961.

Jorge Ben Jor, onde o que prevalece é o sentimento de liberdade nos dizeres: “(...) depois que o primeiro homem maravilhosamente pisou na lua/ eu me senti com direitos, com princípios e dignidade de me libertar (...)”.¹²

Além disso, havia uma exaltação da ideia de modernidade, uma euforia diante do novo, um desejo de ruptura com o passado, uma ansiedade pela concretização futuro. Os passos dados pelo homem na conquista do Espaço significavam uma grande novidade, algo nunca presenciado anteriormente, dessa forma, a Corrida Espacial passou a ser representada, em algumas músicas, como grande euforia. Em *Marcianita*,¹³ de José Imperatore Marcone e Galvarino Villota Alderet, mas que recebeu uma versão brasileira em 1959, observa-se tamanha confiança no progresso da ciência, que os autores são capazes de prever a conquista de Marte:

Esperada, Marcianita,
Asseguram os homens de ciência
Que em dez anos mais, tu e eu
Estaremos bem juntinhos,
e nos cantos escuros do céu falaremos de amor (...)
A distância nos separa,
Mas no ano 70 felizes seremos os dois.

Na canção, o *eu-poético*, infeliz com sua situação amorosa na Terra, espera ansioso o progresso da Corrida Espacial para que possa encontrar, em Marte, a mulher ideal. É interessante perceber que, em 1959, ano em que foi lançada a canção, a conquista do espaço apenas ensaiava seus primeiros passos, mas os compositores imaginam que, em apenas 10 anos, o planeta Marte já estaria conquistado. Seu desejo não passou de utopia, até os nossos dias, apenas as sondas visitaram o planeta vermelho, mas é importante observar, que provavelmente, a mesma confiança na conquista do espaço presente na canção, fez parte da imaginação de muitas outras pessoas que vivenciaram aquele período.

O desenvolvimento da tecnologia espacial trouxe à tona velhas questões que sempre permearam a relação do homem com o Universo. Seria o planeta Terra o único a conter vida na imensidão do Espaço? Qual seria nosso lugar no cosmos? Do mesmo modo que observamos os planetas, estaríamos nós também sendo observados? Esses e outros questionamentos fizeram parte do imaginário do período. Em *Se eu quiser eu compro flores*, gravada pelos Novos Baianos, nos deparamos com a afirmação: “Eu não me espanto com a Terra sendo a estrela de alguém.”

¹² JOR, Jorge Ben. *Take it easy my brother Charles*. LP Jorge Ben Jor, Rio de Janeiro, Philips, 1969.

¹³ MARCONE, José Imperatore.; ALDERETE Galvarino Villota. *Marcianita*. Compacto 78RPM Sérgio Murilo com Lyrio Pinacalli e sua orquestra, Rio de Janeiro, Columbia, 1959.

¹⁴Assim, para os compositores, da mesma forma em que observamos o céu em uma noite estrelada, não seria espantoso que também estivéssemos sendo observados por outros seres inteligentes habitantes do enorme Universo.

Já na canção *A Lua e a Colombina*, verificamos outra ideia interessante presente nas músicas do período, a de que a conquista seria uma característica inerente ao homem. Assim, da mesma forma como os navegadores aventuraram-se por oceanos desconhecidos em busca de novas terras, com a Corrida Espacial a humanidade ousava atingir uma nova fronteira, o Espaço. Em seus versos, o *eu-poético* nos confessa que, como Gagarin, deseja ser “o colombo dos espaços, levando Colombina nos seus braços.”¹⁵

Os trechos citados representam apenas um pequeno universo das canções do período que abordaram a temática da Corrida Espacial.¹⁶ Percebemos que, muitos artistas conscientizando-se da importância do momento histórico que vivenciavam, resolveram utilizar o espaço de suas canções para relatar seu deslumbramento, anseios e angústias diante das novidades trazidas pela conquista do espaço. De certa forma, ao abordar o tema, esses artistas acabaram por se tornar cronistas do seu tempo, e hoje fornecem uma importante ferramenta para tentarmos compreender um pouco das impressões deixadas pela conquista do espaço em nosso país.

Com a Corrida Espacial houve uma mudança na relação do ser humano com o cosmos, pois o Espaço deixava de ser tão distante e enigmático, para se tornar mais próximo da humanidade. Tantas mudanças foram assimiladas e interpretadas de diferentes formas pelos artistas do período, que utilizaram suas canções com espaço de reflexão e debate de tais questões. As músicas também serviram de suporte para divulgação de utopias e fantasias sobre o espaço que fizeram parte da imaginação do período. Este trabalho procurou brevemente relatar parte desse universo, buscando apreender um pouco das ideias, intenções e sentimentos contidos nas músicas daquele período. Através dele foi possível concluir que as canções são importantes

¹⁴ GALVÃO, Luiz; MOREIRA, Morais. *Se eu quiser eu compro Flores*. LP É Ferro na boneca, Rio de Janeiro, RGE, 1970.

¹⁵ CAVALCANTI, Armando; CALDAS, Klecius. *A lua e a Colombina*. Compacto 78RPM Francisco Carlos, Rio de Janeiro, RCA, 1961.

¹⁶ Durante a pesquisa de mestrado desenvolvida na UFMG, outras canções foram analisadas: *A lua é dos namorados*, de Armando Cavalcanti, Klecius Caldas e Brasinha; *Lunik 9, Show de me esqueci, A voz do vivo, Vitrines e Vamos passear no astral* de Gilberto Gil; *O Astronauta* de Roberto Carlos; *Colher de chá*, de Tony Osanah; *Eu vou pra Lua, Cheguei na Lua e Planeta Plutão* de Ari Lobo, *Triste Babia, Alegria Alegria e Não identificado* de Caetano Veloso; *Marcianita* de José Imperatore Marcone e Galvarino Villota Alderete, versão de Fernando César; *A lua e a colombina*, de Armando Cavalcanti, Klecius Caldas; *Dois mil e um* de Tom Zé e Rita Lee; *Take it easy my brother Charles* de Jorge Ben Jor; *Essa moça tá diferente* de Chico Buarque de Hollanda e *Boêmio Demodê* de Adelino Moreira. *A lua disse* de Gildo Branco, *O Astronauta* de Vinicius de Moraes e Baden Powell; *Se eu quiser eu compro Flores* de Morais e Galvão e *BR3* de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar.

ferramentas para o estudo da História, pois revelam traços marcantes a respeito do pensamento, das posições e dos dilemas de uma determinada época.

Apesar de ter representado um momento de grandes mudanças para toda a humanidade, a Corrida Espacial ainda é pouco estudada em nosso país. Buscamos, com esta breve reflexão deixar uma contribuição para as discussões a respeito do assunto. Esta é apenas uma análise entre tantas possíveis, mas esperamos que o trabalho tenha levantado algumas questões importantes que possam ajudar a aquecer o debate sobre a Corrida Espacial.